INTERAÇÕES E VÍNCULOS DE CRIANÇAS PEQUENAS EM DIFERENTES CONTEXTOS, COM PARCEIROS DIVERSOS

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP
Ribeirão Preto
11, 12 e 13 de agosto de 2014

www.cindedi.com.br

FFCLRP -USP

COMISSÃO ORGANIZADORA

Comissão organizadora do XIX ENCONTRO DO CINDEDI

Andréa Tame Parreira
Flávia Mendonça Rosa Luiz
Gabriela Garcia Moura
Juliana Lucena
Juliene Madureira Ferreira
Kátia de Souza Amorim
Ricardo Lana Pinheiro
Ronie Charles Ferreira de Andrade

Organizadores do Livro de Resumos

Andréa Tame Parreira
Ronie Charles Ferreira de Andrade

Elaboração do Logotipo

Gabriela Garcia Moura
Ronie Charles Ferreira de Andrade

Capa e Diagramação

Andréa Tame Parreira
Ronie Charles Ferreira de Andrade

INTERAÇÕES E VÍNCULOS DE CRIANÇAS PEQUENAS EM DIFERENTES CONTEXTOS, COM PARCEIROS DIVERSOS

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP
Ribeirão Preto
11, 12 e 13 de agosto de 2014

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Psicologia;
À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP;
Aos sujeitos e instituições participantes dos estudos, que tornaram possível o desenvolvimentos das pesquisas;
À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento, ao longo desses anos, de inúmeros projetos de pesquisa desenvolvidos por pesquisadores do CINDEDI;
À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);
Pró-Reitoria de Pesquisa da USP.

Apresentação

Pessoal querido,

Sejam bem vindos ao XIX Encontro do CINDEDI.

Tempo de maioridade, de enfrentar crises,

de saber lidar com diversidades dentro e fora do grupo.

Tempos difíceis de greve, de guerras e de massacres como o de Gaza.

É nos reunindo, discutindo, refletindo, compartilhando conhecimentos e dúvidas, e através de ações na comunidade que poderemos nos desenvolver tanto individualmente e como grupo.

Neste ano, decidimos focar as discussões mais nas interações e vínculos em contextos diversos.

Com Fúlvia, como contraponto, em sua fala de abertura, que dará uma visão mais macro dos estudos sobre bebês.

Com a promessa de que, no próximo ano, Ana Paula abrirá o encontro com seu trabalho de pós-doutorado, e seus alunos trarão o foco das discussões mais para o contexto/ambiente.

Essa diversidade só pode nos enriquecer.

Boa reunião!

Abraços

Clotilde

XIX ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI –
INTERAÇÕES E VÍNCULOS DE CRIANÇAS PEQUENAS EM DIFERENTES CONTEXTOS, COM PARCEIROS DIVERSOS.

11	**12**	**13**
9h **Abertura:** Maria Clotilde Rossetti-Ferreira **Palestra**: Fúlvia Rosemberg *O bebê na esfera pública: indagações e tensões ou desafios atuais! Ou, é possível falar em cidadania do bebê?*	**9h** **Estudos empíricos sobre interação em contextos de educação infantil (seja EI rural, creche ou abrigo)** **Juliana Lucena:** *Interação de crianças na creche* **Juliene Ferreira:** *Interação de crianças com necessidades especiais* **Ana Cecília Oliveira Silva e Marcella Oliveira Araújo:** *Interação em assentamento rural* **Debatedoras:** Zilma M.R. Oliveira e Maria Isabel Pedrosa	**9h** **Mesa redonda:** Falando sobre vínculo afetivo e apego **Reinaldo Furlan:** *Interação e vínculo: algumas ideias filosóficas* **Kátia de Souza Amorim:** *Como tratar de vínculo, para além do apego?* **Jane Valente:** *Relações de cuidado e de proteção a partir do Serviço de famílias acolhedoras* **Debatedora:** Maria Clotilde Rossetti-Ferreira
14h **Mesa redonda**: Falando de Interação **Zilma M.R. Oliveira:** *As condições históricas de construção do conceito de interação* **Maria Isabel Pedrosa:** *Problematizando o conceito de interação social em teorias do desenvolvimento da criança.* **Maria Isabel Leme:** *A interação do ponto de vista da Psicologia Cultural* **Adriana Laplane:** *A criança em interação: teoria, pesquisa e prática* **Debatedora:** Kátia S. Amorim	**14h** **Apresentação e debate dos painéis** **18h:** Confraternização	**14h** **Estudos empíricos sobre construção de vínculo em diferentes relações e contextos** **Pedro Paulo Lira:** *Família e instituição de acolhimento: histórias de (des)vinculação* **Gabriella Garcia Moura:** *Construção de vínculos afetivos por bebês, em contextos de acolhimento familiar* **Camila Lotto:** *(Re)construção e (re)estabelecimento de vínculos durante processo de internação hospitalar: A criança com câncer* **Debatedores:** Jane Valente e Reinaldo Furlan Fechamento

INDICE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CAMPO

Construção da identidade docente e a apropriação das políticas educacionais para as escolas do campo.
Bezerra, D. R. S. Silva & A. P. S. 12

Participação política e infância: aproximações a partir da escuta de crianças de um movimento de luta pela terra.
Carvalho, R. S. & Silva, A. P. S. 13-14

Acampamentos e assentamentos rurais como contextos de cuidado e educação coletivos das crianças de 0-5 anos
Silva, A. C. O. & Silva, A. P. S. 15

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PARENTALIDADE

Onde está o bebê? Uma revisão de literatura acerca das interações mãe-bebê no processo de construção do sentido de maternidade.
Barbar, A. E. M. & Amorim, K. S. 16-17

A construção da parentalidade na relação com o bebê: uma revisão bibliográfica
Saullo, R. F. M. & Amorim, K. S. 18

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ABRIGAMENTO E ACOLHIMENTO FAMILIAR

Processo de recepção e acolhida da criança em instituições de acolhimento: proteção e/ou (re) vitimização?
Almeida, I. G. & Rossetti-Ferreira, M. C. 19-20

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO INFANTIL

Desmistificando alguns mitos no processo de educação inclusiva na educação infantil: relato de experiência de inclusão de uma criança com holoprosencefalia lobar. Creche e Pré-escola Carochinha/SAS – USP
Amaral, M. F. M.; Brunello, R.C.P.; Giovani, A. F.; Melo, G. G. S.; Pantoni, R. V. & Vicentini, T. M. 21

Interações e descobertas da turma vulcão na composteira
Giovani, A. F. & Oliveira. R.S 22

Apropriação do espaço físico da creche nas brincadeiras de crianças de dois anos
Lucena, J. M. F. & Pedrosa, M. I. 23-24

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

Processos de estabelecimento da atenção conjunta em um bebê vidente e em outro com deficiência visual severa.
Colus, K. M. & Amorim, K. S. 25-26

Desenvolvimento de crianças com déficit intelectual: pensando em possibilidades de análise a partir dos processos interacionais em contexto escolar
Ferreira, J. M. & Amorim, K. S. 27

Vivências e vínculos de crianças com câncer, durante o processo de internação hospitalar
Lotto, C. R. & Amorim, K. S. 28-29

Recursos comunicativos utilizados por crianças com síndrome de down, em interação com pares, em diferentes contextos educacionais
Luiz, F. M. R. & Amorim, K. S 30

A construção de vínculo na criança autista, em contexto escolar
Parreira, A, T. & Amorim, K. S. 31

Relações, contextos e significados: reflexões sobre o desenvolvimento da locomoção a partir de um mergulho no campo
Santos, N. M. & Amorim, K. S.....32-33

Expressões emocionais entre bebês pares de idade, na creche: uma revisão bibliográfica
von Dentz, M. & Amorim, K. S.....34-35

RESUMOS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CAMPO

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE E A APROPRIAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA AS ESCOLAS DO CAMPO

Bezerra, D. R. S.
Silva, A. P. S.

Pesquisa de Doutorado em andamento

Este trabalho tem como objetivo investigar como os professores das escolas do campo se apropriam das Políticas da Educação do Campo e sua relação com o processo de construção da identidade docente desses profissionais. A tese sustentada neste projeto de doutorado é de que a construção da identidade das escolas do campo depende, principalmente, da relação que se estabelece entre a apropriação que os professores fazem das políticas educacionais e a construção de suas identidades. Têm-se duas hipóteses: a) a formulação e a implantação das políticas públicas por si só não garantem a identidade das escolas do campo; b) defende-se ainda que, nos professores, o nível de apropriação da política da educação do campo é regulado pelos mediadores dessa relação professor – política pública. Fundamenta-se na perspectiva histórico-cultural de Lev Seminovich Vygotsky (2009) e nos pressupostos teórico-metodológico da Rede de Significações. Os participantes da pesquisa são professores que atuam nas escolas do campo da região de Ribeirão Preto (SP). Os instrumentos utilizados na coleta de dados são: questionário, observação e entrevistas. Os dados serão analisados a partir dos pressupostos vygotskyanos, especificamente, dos conceitos de apropriação e mediação.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E INFÂNCIA: APROXIMAÇÕES A PARTIR DA ESCUTA DE CRIANÇAS DE UM MOVIMENTO DE LUTA PELA TERRA

Carvalho, R. S.
Silva, A. P. S.

Pesquisa em Andamento – Doutorado

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a relação entre criança e política contemporaneamente. Historicamente, áreas que têm a criança como objeto de estudo, como a Psicologia do Desenvolvimento, têm negligenciado a discussão de sua relação com a política e, áreas que se voltam para a investigação da política o têm feito enfocando relações adultas, ocultando a infância desse processo. Compreendemos que vivemos um momento histórico em que há a emergência, em discursos científicos e práticas, de perspectivas contra-hegemônicas que colocam a criança como um possível sujeito de ações políticas. Propomos, baseadas nas perspectivas teórico-metodológicas de Antonio Gramsci e Lev Vigostski, compreender, a partir das falas das próprias crianças, as possíveis relações entre a política, infância e criança, isto é, as formas como elas concebem e percebem o campo da política e a (im)possível relação com o sujeito criança. Interessamo-nos como e quando a política se aproxima e se afasta da criança, e na relação complexa e dialética entre a concepção da criança sobre elas mesmas, sobre política, sobre sociedade e sobre seus parceiros sociais, as quais se configuram em sentidos sobre o exercício de ações políticas, contribuindo para sua formação e constituição enquanto sujeitos políticos. Realizamos a pesquisa empírica com 32 crianças e jovens de seis a 15 anos moradoras de um assentamento rural vinculado a movimentos sociais de luta pela reforma agrária. A pesquisa foi realizada com todos os sujeitos que apresentaram interesse em participar. Utilizaremos o material dos participantes de até 12 anos, idade descrita pelo ECA como fim da infância. Para a construção do corpus empírico utilizamos três instrumentos: (1) Um grupo de discussão 1 (GD1), no qual apresentamos cartões com fotos e palavras para a discussão com as crianças sobre os espaços e sobre a realização ou não de política nesses espaços; (2) Conversa individual¸ em que apresentamos cartazes, um de cada vez, com os seguintes dizeres: “Um lugar onde eu passo a maior parte do meu tempo”; “Um lugar onde convivo com outras crianças”; “Um lugar onde eu sinto que sou escutada/o”. As crianças eram convidadas a desenhar cada um desses lugares e realizava-se uma conversa sobre aquele local, aprofundando onde era, quais as pessoas que faziam parte daquele espaço, quais as relações estabelecidas e se ocorriam possibilidades de ação e protagonismo por parte da criança. As conversas foram realizadas com uma criança de cada idade, sorteada pela pesquisadora; (3) Grupo de Discussão 2 (GD2) – situações de ação e protagonismo, no qual foram apresentados um vídeo e uma história de ações políticas infantis para a discussão das crianças. Para a análise do corpus, realizamos leituras aprofundadas do material transcrito. Como primeira aproximação de nosso material empírico, elegemos o GD1 buscando os sentidos de política presentes nas falas das crianças. Encontramos sentidos de política como: participar do processo eleitoral; fazer reuniões; estabelecer regras a serem cumpridas, mas

também como um processo baseado em uma tríade composta por governantes (os que fazem); o povo (que reivindica), na busca da mudança das condições concretas (melhoria de vida).

ACAMPAMENTOS E ASSENTAMENTOS RURAIS COMO CONTEXTOS DE CUIDADO E EDUCAÇÃO COLETIVOS DAS CRIANÇAS DE 0-5 ANOS

Silva, A. C. O.
Silva, A. P. S.

Pesquisa em Andamento – Doutorado

Este trabalho tem o objetivo de mapear as práticas de educação compartilhadas das crianças de 0-5 anos de um acampamento e de um assentamento rural. Educação compartilhada, como compreendemos nesta investigação, consiste nas práticas de educação e cuidado destinados às crianças no contexto da família e da comunidade. O Acampamento consiste numa reunião temporária de famílias que ocupam uma área rural como forma de pleitear um projeto de Reforma Agrária. O assentamento é a efetivação deste projeto, com a posse de lotes possibilitando que as famílias construam moradias fixas. As demandas destes contextos levam à organização da comunidade em espaços coletivos diversos, propiciando também possibilidades de coletivização da educação da criança que são distintos. A investigação está sendo realizada mediante inserção etnográfica da pesquisadora em campo com a permanência de aproximadamente dez dias com cada criança sendo registrada em Diário de Campo. De dez crianças estimadas para a participação na pesquisa, até o momento foram realizadas as observações participantes com quatro crianças, duas de cada contexto. O tratamento dos dados de duas dessas crianças indica: que as mulheres são as principais cuidadoras das crianças; que a sociabilidade das crianças entre os vizinhos é mais intensa no acampamento que no assentamento; e que a organização da família, se nuclear ou extensa, influencia diretamente no universo relacional da criança.

ONDE ESTÁ O BEBÊ? UMA REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DAS INTERAÇÕES MÃE-BEBÊ NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE MATERNIDADE

Barbar, A. E. M.
Amorim, K. S.

Pesquisa em andamento- Iniciação Científica

O tema da maternidade é frequentemente abordado em diferentes pesquisas em Psicologia, assim como o sentido dado pelas mulheres a esta experiência. Considerando-se a construção de sentido como um processo dialógico, no qual confluem e interagem diversos atores, papéis e discursos, sugere-se que o bebê poderia ser um parceiro privilegiado de interações neste processo, co-construindo com a mãe, portanto, o sentido de maternidade. Com o intuito de elaborar um panorama dos estudos mais atuais sobre o tema de construção de sentido da maternidade, realizou-se uma revisão de literatura utilizando-se os descritores independentes “maternity” e “motherhood”. A busca foi realizada em duas bases de dados, Scielo e PsychInfo, no mês de setembro de 2013, e consideraram-se artigos publicados ao longo dos últimos dez anos, que envolvessem bebês ou crianças de até dois anos de idade. Inicialmente, foram selecionados 152 artigos, dos quais foram selecionados 48, após a leitura dos resumos. Para tanto, foram excluídos artigos que tratassem da amamentação, do parto ou puerpério, que tivessem como enfoque apenas mulheres em condições muito específicas (tais como portadoras de HIV ou outras doenças crônicas, adolescentes, mães adotivas, entre outros casos); ou, ainda, estudos em contextos bastante específicos (por exemplo, na perspectiva de maternidades que valorizam um ou outro aspecto do puerpério, ou com enfoque em aspectos sociais da família). Também se excluiu artigos que investigavam a maternidade a partir dos depoimentos de profissionais de saúde e também aqueles que visavam elaborar ou avaliar programas interventivos. Dentre os artigos selecionados, observou-se que algumas perspectivas se destacam na fundamentação teórica dos sentidos de maternidade: as contribuições da Psicanálise, da Sociologia, da História e do Construcionismo Social aparecem com mais frequência, ao lado de abordagens biomédicas e cognitivistas. Ainda, considerando-se todas estas perspectivas, observou-se que em quase todos os artigos o bebê não foi apontado como participante do processo de construção do sentido de maternidade, com exceção de um único artigo, que considerava a relação entre o temperamento do bebê e a autopercepção de eficácia materna. Nenhum outro artigo chega a mesmo pontuar algum aspecto das interações mãe-bebê como contribuinte para a significação da experiência materna; ao contrário, entende-se em muitos estudos que é a experiência da mãe (e os significados a ela atribuídos, através de processos que excluem o bebê) que vai influenciar quase unilateralmente os processos vivenciados pelo bebê. Além disso, o método de investigação predominantemente utilizado nos estudos, a entrevista com a mãe, favorece

um entendimento unifocal da construção de sentido, já que este só pode ser explorado a partir da vivência da própria mãe. Conclui-se, desta maneira, que as interações mãe-bebê no processo de construção de sentido da maternidade vêm sendo ignoradas na literatura investigada, desvalorizando o bebê como potencial co-construtor de sentidos também neste contexto.

A CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE NA RELAÇÃO COM O BEBÊ: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Saullo, R. F. M.
Amorim, K. S.

Pesquisa em andamento – Mestrado

A maternidade e a paternidade são processos do ciclo vital que envolvem importantes transformações em práticas e significações da pessoa, seja ela um adulto ou adolescente. Apesar de serem bastante estudadas na literatura (principalmente a maternidade), o processo de construção conjunta de uma transição para a parentalidade – enquanto pertinente ao casal parental – é ainda pouco estudado, sendo a inclusão do bebê enquanto participante deste processo algo mais recente ainda. Nesta revisão buscou-se em três bases de dados – PubMed, PsycInfo, JSTOR – e um portal – BVS (português e inglês) – artigos sobre a transição para a parentalidade que incluíssem o bebê. Foram obtidas 904 referências, sendo 304 duplicados e após elaboração dos critérios de inclusão e exclusão, chamaram a atenção o número e a caracterização dos artigos excluídos, destacando-se uma grande patologização do processo, o nascimento do primeiro filho sendo entendido como uma situação de risco para bebê e pais. Essa perspectiva transparece em elevado número de trabalhos com foco em programas educativos, de treinamento ou tratamento para estes pais (106 citações); ainda em estudos focados no stress, fadiga e sofrimento parental de pais de primeira viagem (44 citações); também em estudos que concluem que o nascimento de um filho gera repercussões negativas no relacionamento conjugal (104 citações). Dos textos selecionados e analisados (16 artigos), os trabalhos foram publicados entre 1979 e 2014, principalmente na área da psicologia do desenvolvimento. Apesar de citarem o bebê, a maioria dos estudos (10 artigos) o inclui enquanto percepção parental (seja a percepção dos pais sobre a personalidade do bebê, seja o conceito de autoeficácia dos cuidados parentais, ou mesmo da relação percebida entre o cuidador e o lactente). Dos seis textos que incluem o bebê enquanto sujeito participante, três partem da psicanálise, um da teoria do apego, um do pensamento de Brazelton e um dentro da teoria sistêmica familiar. A partir desta revisão, novos estudos sobre o processo de transição para a parentalidade que incluam o bebê enquanto participante ativo, em outras abordagens da psicologia, ganham relevância, de forma a ampliar o olhar e a discussão sobre esta importante fase no desenvolvimento humano.

PROCESSO DE RECEPÇÃO E ACOLHIDA DA CRIANÇA EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO: PROTEÇÃO E/OU (RE)VITIMIZAÇÃO?

Almeida, I. G.
Rossetti-Ferreira, M. C.

Pesquisa concluída – Doutorado

Quando acolhida institucionalmente, a criança é abruptamente separada de pessoas de referência e colocada em um ambiente estranho, com pessoas desconhecidas. A vivência inicial da criança na instituição, como é recebida/acolhida, influenciará a maneira como enfrentará essa situação, a construção de novas relações afetivas e a manutenção dos vínculos afetivos anteriormente estabelecidos. Na creche/educação infantil, o processo de recepção/acolhimento tem importância reconhecida. O mesmo não acontece no acolhimento institucional. Com base teórico-metodológica na Rede de Significações, objetivou-se investigar o processo de recepção e acolhimento de crianças com idades até 6 anos, desenvolvido por instituições de acolhimento, a partir da perspectiva de profissionais envolvidos no processo. Participaram quatro instituições de cidade de grande porte do interior do estado de São Paulo. Foram entrevistadas 26 pessoas: três coordenadoras; quatro psicólogas; quatro assistentes sociais; três pedagogos; sete educadoras; um apoiador técnico; quatro conselheiros tutelares. As entrevistas contaram com questões disparadoras, no contexto de uma conversa e os dados foram analisados qualitativamente. Os resultados indicam que investimentos vêm sendo feitos na formação dos profissionais. E que a maioria dos que participaram da pesquisa está envolvida com a causa da criança e/ou com as crianças em si. Foram relatadas algumas práticas e sugestões de melhoria para o processo de acolhimento inicial, que se mostraram sensíveis às necessidades e capacidades da criança. Porém, ainda é insuficiente para garantir um processo de acolhimento inicial respeitoso e acolhedor para com a criança e sua família. Concepções antigas impregnam as práticas e o imaginário das pessoas. Apesar dos avanços, guardadas as diferenças pessoais/institucionais, decisões são tomadas sem que a criança e família participem efetivamente e sem que sejam preparadas para lidar com as mudanças decorrentes. A criança é, simplesmente, pega e levada à instituição. Sob essas condições, é separada e/ou desapropriada de tudo o que lhe é significativo (pessoas e objetos significativos), frequentemente, sem que nada lhe seja dito sobre o que está acontecendo e o que acontecerá. Recepção e acolhimento da criança resumem-se a higienizá-la, alimentá-la e distraí-la, por vezes, a partir de procedimentos altamente invasivos (nudez, fotografia, banho, corte de cabelo e unhas, por exemplo). E a instituição de acolhimento ainda encontra dificuldades para assumir sua corresponsabilidade no trabalho de manutenção dos vínculos familiares e comunitários (demora para dar início às visitas, que são semanais, com uma hora de duração, em dia e horário comerciais e regras rígidas a serem seguidas). Percebe-se que reflexões que

promovam a (re)significação da identidade da instituição de acolhimento e a desconstrução das concepções e preconceitos que perpassam a relação entre profissionais e famílias, bem como entre adultos e crianças precisam receber atenção especial e contínua nos espaços já existentes de formação, e em novos espaços que devem ser criados. Apenas assim será possível qualificar o processo de acolhimento inicial da criança. Espera-se que esta pesquisa fomente e subsidie discussões e construções coletivas que contribuam para qualificar os procedimentos atualmente utilizados, perante a urgente necessidade de serem desenvolvidas práticas que respeitem e protejam a criança e não a (re)vitimizem.

DESMISTIFICANDO ALGUNS MITOS NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM HOLOPROSENCEFALIA LOBAR.

Amaral, M. F. M.
Brunello, R.C.P.
Giovani, A. F.
Melo,G. G. S.
Pantoni, R. V.
Vicentini, T. M.

Relato- Creche e Pré-escola Carochinha/SAS – USP

O presente trabalho tem como objetivo relatar algumas ações de Educação Inclusiva realizadas com uma criança, com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, em função de má formação do sistema nervoso central. A análise é baseada nas ações realizadas nos seus primeiros anos de freqüência à Creche e Pré-escola. Consideraremos também nesta as interações observadas entre as crianças e entre as crianças e adultos, durante este processo que ainda está em andamento. Esta experiência tem evidenciado que mitos ainda presentes no imaginário de profissionais que atuam na Educação Infantil não procedem. Dentre eles vamos destacar: 1) uma criança com deficiência não consegue brincar com outra, 2) uma criança com deficiência pode atrapalhar o desenvolvimento de outras crianças do grupo, 3) é necessário alguém com formação especializada específica para educar/cuidar de crianças com deficiência no espaço institucional de educação regular. O relato tem também o objetivo de socializar algumas práticas e soluções de alguns dilemas que foram encontrados durante este percurso com vistas a subsidiar o trabalho de outros profissionais que também realizam ações de inclusão na Educação Infantil. Este trabalho teve início em Fevereiro de 2012 e vem sendo realizado até o presente momento na Creche e Pré-escola Carochinha/SAS-USP, Ribeirão Preto. As premissas que orientaram as ações descritas neste trabalho estão em consonância com os princípios da **Plataforma Diversa,** na qual a Educação Inclusiva diz respeito a todos. Dentre eles, destacamos: 1) a diversidade é uma característica inerente a qualquer ser humano, ela é abrangente, complexa e irredutível, assim ela deve considerar o direito à igualdade e o respeito às diferenças, deve considerar não somente crianças e jovens tradicionalmente excluídos, mas todos os educandos, educadores, famílias, gestores escolares, gestores públicos, parceiros etc; 2) toda pessoa tem direito ao acesso à educação; 3) toda pessoa aprende; 4) o processo de aprendizagem de cada pessoa é singular e 5) o convívio no ambiente escolar comum beneficia a todos.

INTERAÇÕES E DESCOBERTAS DA TURMA VULCÃO NA COMPOSTEIRA

Giovani, A. F.
Oliveira. R.S

Relato- Creche e Pré-escola Carochinha/SAS/USP

Este painel tem como objetivo relatar as ações realizadas por um grupo de crianças de 5 e 6 anos durante o processo de montagem e manutenção de uma composteira, dando destaque para alguns episódios interacionais que ocorreram entre as crianças e entre as crianças e adultos durante o desenvolvimento dessa experiência. O trabalho foi realizado ao longo do ano de 2013 na envolvendo 22 crianças, denominada de Turma Vulcão, duas educadoras, o jardineiro, o auxiliar de serviços gerais e teve a colaboração dos funcionários da cozinha na separação e armazenagem dos resíduos orgânicos utilizados. Durante o desenvolvimento do trabalho as crianças tiveram a oportunidade de observarem como o resíduo orgânico se transforma em adubo a partir da realização de técnicas específicas que envolvem a manutenção e alimentação de uma composteira. Durante as visitas sistemáticas à composteira para a observação do processo de transformação chamou a atenção das crianças os diferentes odores, a fumaça gerada pela decomposição dos alimentos e os microorganismos e também o aparecimento de alguns bichos conforme a terra era revirada. Além das diferentes hipóteses que foram levantadas pelas crianças também podemos destacar alguns comportamentos e/ou atitudes iniciais que apareceram nestas ocasiões e que foram se transformando ao longo do desenvolvimento do trabalho. Exemplos: comportamento de desconfiança e nojo expressos através das feições, gestos e falas, tais como “- Isso é fedido, acho que nunca vai virar adubo”, “-acho que vou vomitar”. Outro elemento que também chamou a atenção relacionava-se à tensão medo-coragem, expresso assim: “- como você tem coragem de pegar? Isso é uma minhoca! E essa barata? Minha mãe tem medo de barata! A partir de intervenções realizadas pelo adulto, como por exemplo: - Essa minhoca e essa baratinha aí são do bem, quando elas aparecem é porque a nossa composteira está dando certo. Ao longo do trabalho muitas outras intervenções foram feitas e pudemos observar uma mudança na postura das crianças em relação à terra, ao contato com os bichos e à forma de compreender a importância de realizarmos ações sustentáveis para o planeta. As crianças mostraram –se muito felizes de perceberem que elas e suas famílias poderiam contribuir com a preservação da natureza a partir de ações cotidianas.

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DA CRECHE NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE DOIS ANOS

Lucena, J. M. F.
Pedrosa, M. I.

Pesquisa em andamento-Doutorado

Este trabalho defende a ideia de que a criança pequena apropria-se do espaço físico no qual está inserida, integrando-o às suas brincadeiras. Essa apropriação implica a inclusão dos parceiros, que, como ela e com ela, reorganizam-no para seus propósitos, refletindo formas de participação cultural: a transformação e construção de seu meio social. Partindo desse pressuposto e sob uma perspectiva sociointeracionista busca-se perseguir dois objetivos investigativos: a) realçar a relevância de diferentes formas de participação cultural de crianças, envolvidas em processos de significação e construção da 'cultura de pares' e b) apontar o papel de suporte da organização do arranjo espacial na ocorrência de interações sociais de crianças. Discute-se um conjunto de dados, selecionados de um amplo acervo construído a partir de uma investigação sobre processos de significação em crianças pequenas que realizou a observação de 20 crianças de 2 anos de idade, que frequentavam um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), da cidade do Recife. As observações ocorreram na presença das educadoras e com o uso dos objetos do próprio CMEI (brinquedos, sucatas, cadeiras, mesas, carteiras, etc.). Elas foram videogravadas e tiveram duração média de 24 minutos, duas vezes por semana, durante um período de quarenta e cinco dias, perfazendo um total de 11 sessões. Cada sessão foi observada minuciosamente a fim de serem recortados episódios interacionais com indícios da construção de uma rotina de brincadeira e/ou a criação de significados incomuns para os objetos da própria instituição com os quais as crianças brincavam sem que isso fosse sugerido pelos adultos. A análise desses segmentos revelou que frequentemente as crianças integravam, às suas brincadeiras, cantinhos e objetos disponíveis no ambiente da sala, mesmo aqueles que são tradicionalmente usados dentro de uma cultura escolar, com finalidades educacionais claras. O episódio escolhido para ilustrar o argumento descreve uma brincadeira que consiste em engatinhar por baixo de carteiras escolares, enfileiradas e encostadas em duas paredes da sala pela educadora. Neste CMEI é comum as educadoras deixarem o centro da sala livre, sem a ocupação de móveis, para uso das próprias crianças, facilitando sua movimentação. A preocupação de encostar os móveis na parede representa justamente a exclusão destes para que a ocupação do espaço central da sala se realize de forma mais livre e sem atropelos. Entretanto, uma a uma, as crianças vão para debaixo dessas carteiras e engatinham ao longo de toda extensão em que elas estão enfileiradas, inclusive explorando outras carteiras que estão na parede contígua que forma, com a primeira, um ângulo reto. Aos poucos, esse canto da sala vai se consolidando como um local estruturador de um espaço físico e social, arranjo espacial no qual as crianças organizam uma brincadeira interessante de grande porte: um empreendimento lúdico que envolve todas as crianças presentes na sala. O aproveitamento que as crianças fazem das carteiras disponíveis na sala para a construção da brincadeira acontece

espontaneamente. Em contrapartida, com base nas interações sociais que ali ocorrem, é possível ao observador inferir pistas, a partir de seus comportamentos - ações, movimentos, gestos, sorrisos e vocalizações - que revelam os modos pelos quais elas vão se apropriando do espaço, e o integrando criativamente na construção da brincadeira.

PROCESSOS DE ESTABELECIMENTO DA ATENÇÃO CONJUNTA EM UM BEBÊ VIDENTE E EM OUTRO COM DEFICIÊNCIA VISUAL SEVERA

Colus, K. M.
Amorim, K. S.

Pesquisa Concluída – Mestrado

A atenção conjunta é considerada, na literatura específica, como sendo uma habilidade fundamental do bebê para que este possa, a partir dela, estabelecer um conjunto de dimensões básicas no seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. A atenção conjunta se refere a comportamentos como olhar na direção do olhar do outro, observar a face, a intenção e os interesses do outro, mostrar e compartilhar interativamente objetos com outros. Episódios de atenção conjunta, portanto, podem quase ser denominados de episódios de atenção visual conjunta. Esta capacidade, como dado eminentemente visual, tem sido considerada como crucialmente importante para o desenvolvimento da capacidade interativa do bebê, sendo indispensável para que este se socialize. Entretanto, ao se pensar estes processos em crianças cegas ou com deficiência visual severa, depara-se com a pouca quantidade de informação disponível em dados de pesquisas. Assim, a meta desta pesquisa foi investigar se ocorreu e como ocorreu a construção, o estabelecimento e a manutenção do processo de atenção conjunta em um bebê vidente e um bebê com deficiência visual severa, ambos em interação com os parceiros em seu entorno. Para tal, partiu-se da verificação de quais pistas sensoriais o bebê ou os parceiros circundantes se utilizam nas interações (se pistas visuais, táteis, vestibulares, auditivas, cinestésicas, olfativas ou gustativas) para iniciar, estabelecer e manter a atenção conjunta. Utilizou-se de estudo de casos múltiplos-exploratórios, envolvendo um bebê com deficiência visual severa e sua família vidente, fazendo-se um contraponto com um bebê vidente em uma família também vidente. O contraponto se mostrou importante para dar visibilidade a recursos e aspectos específicos do processo, e também preservar as características dos ambientes em que os bebês e suas famílias se encontram. A perspectiva sócio-interacionista permitiu a compreensão dos processos desenvolvimentais que ocorrem nestas situações. A construção do corpus se deu através de videogravações, posteriormente recortadas de acordo com sua relevância para a verificação da meta proposta, sendo as cenas selecionadas transcritas. Para a análise destes recortes considerou-se a abordagem microgenética, com aporte metodológico da Rede de Significações funcionando como proposta privilegiada e possibilitadora da compreensão da complexidade dos processos. Como resultados, verificou-se que para o bebê vidente, os dados encontrados confirmam o que a literatura específica indica como sendo o percurso típico para a construção da atenção conjunta. Para o bebê com deficiência visual severa, nota-se também, a partir de outras pistas

que não as visuais, o estabelecimento e a manutenção do processo de atenção conjunta. Sugerem-se, entretanto, mais pesquisas a respeito destas questões, não só para se buscar mais dados a partir de outros bebês videntes e também com as mesmas características sensoriais diferenciadas da cegueira ou da deficiência visual severa, como também para contribuir com a construção de novos dados teóricos a respeito do tema.

DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM DÉFICIT INTELECTUAL: PENSANDO EM POSSIBILIDADES DE ANÁLISE A PARTIR DOS PROCESSOS INTERACIONAIS EM CONTEXTO ESCOLAR

Ferreira, J. M.
Amorim, K. S.

Pesquisa em andamento- Doutorado

O presente trabalho apresenta as discussões que fundamentam a pesquisa de doutorado, ainda em andamento, intitulada “Crianças com déficit intelectual e processos interacionais com pares na pré-escola”. O objetivo da pesquisa supracitada é analisar o processo de desenvolvimento de crianças pré-escolares com déficit intelectual, tendo como referencia as interações entre pares com desenvolvimento típico possibilitadas no contexto escolar. Para tanto, o trabalho aborda teoricamente tanto a discussão sobre desenvolvimento, utilizando a perspectiva da Rede de Significações e a Teoria histórico-cultural para compreender e estruturar o percurso de análise, como também abarca a discussão sobre os processos de interação e as múltiplas possibilidades de significação de mundo advindas do encontro entre crianças com recursos comunicativos e interativos tão diferentes. Neste sentido, o presente trabalho apresenta como as discussões teóricas estruturam o percurso metodológico para a abordagem ao fenômeno investigado, apontando caminhos para a coleta e análise de dados. E posteriormente, aponta como os elementos teóricos inicialmente abordados são (re)significados quando em contato com a realidade a partir da pré-análise dos dados. Dessa forma, como resultado, o presente trabalho evidencia a perspectiva da Rede de Significações como uma ferramenta para compreender o fenômeno do desenvolvimento humano e, a partir daí, construir múltiplos caminhos para acessá-lo.

VIVÊNCIAS E VÍNCULOS DE CRIANÇAS COM CÂNCER, DURANTE O PROCESSO DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR.

Lotto, C. R.
Amorim, K. S.

Pesquisa em andamento- Iniciação Científica

A criança com câncer, em uma situação de internação, é assistida por uma equipe multiprofissional, geralmente com alto índice de rotatividade. Além disso, nesta situação, a criança passa por diversas perdas, pelo afastamento da escola, rotina e atividades lúdicas, vendo-se inserida em um contexto inédito, repleto de medicamentos, exames clínicos, injeções, internações e intervenções (cirúrgicas e quimioterápicas), realizadas por médicos, enfermeiros, psicólogos e demais profissionais. Dentre os diversos fatores que permeiam a nova rotina, destaca-se a necessidade de se fazer a (re) construção dos antigos vínculos (familiares / amigos) e coloca-se como em aberto a construção de novos vínculos, em função da doença que coloca inclusive como possível e iminente a ruptura da relação, pela morte por câncer. Assim, o objetivo dessa pesquisa é buscar compreender como a criança percebe esse novo ambiente e como, nesse contexto, são (re) construídos e (re) estabelecidos os vínculos com profissionais e familiares. Como pressuposto teórico está sendo usada a perspectiva da RedSig, que entende o desenvolvimento humano como ocorrendo ao longo de todo o ciclo vital, inserido em um contexto histórico-cultural, marcado pela complexidade. No caso, será usada para investigar os vínculos (re) criados na situação hospitalar, considerando as possibilidades de significações daqueles vínculos pelos indivíduos nesse contexto. A metodologia da pesquisa é qualitativa, a partir de estudos de caso múltiplos, tendo-se realizado um estudo piloto que investigou um menino de oito anos, com câncer, hospitalizado há 45 dias, em hospital terciário, no interior paulista. A coleta de dados contou com um mapeamento inicial da rotina e dos profissionais dessa enfermaria; depois, foi conduzida uma sessão lúdica com a criança, utilizando jogos (UNO e bonequinhos). Os resultados apresentados ainda são parciais, tendo-se feito o mapeamento dos profissionais que atuam na enfermaria. Esta conta com docentes do departamento, os residentes e alunos do sexto ano do curso de medicina; conta ainda com várias equipes: psicologia, terapia ocupacional, nutrição, assistente social e enfermagem, com elevadíssima rotatividade de toda a equipe. Pode-se notar, com isso, forte tensão da criança nesse ambiente, em momentos de procedimentos médicos, como o tirar sangue ou administrar algum medicamento. A condição e estrutura parecem aumentar os impactos do contexto e dificultar as (re) construções de vínculos durante a internação, tanto que a mãe continua como figura central à criança. Apesar das diversas rupturas, entretanto, observou-se preservação da ligação da criança com outros membros da família e amigos, assim como de casa e da escola. Além das rupturas, conseguiu-se observar como a criança busca um contato com a equipe e a construção desses vínculos, nesse ambiente novo e diferente. A pesquisa tem o intuito de contribuir tanto para o campo do desenvolvimento, como para se compreender como são construídas as relações em situações

em que há a possibilidade iminente de rupturas e como a criança percebe o momento da internação.

RECURSOS COMUNICATIVOS UTILIZADOS POR CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN, EM INTERAÇÃO COM PARES, EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCACIONAIS

Luiz, F. M. R.
Amorim, K. S.

Projeto em andamento- Pós-doutorado

Desdobrando-se de projetos anteriores, os quais investigaram o processo de inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down, nas perspectivas das famílias e professores, emergiram questionamentos referentes a esse processo na perspectiva da própria criança. Desta maneira, como parte integrante de um projeto mais amplo, a presente pesquisa tem como objetivo investigar crianças com Síndrome de Down, em interações com pares de idade, discriminando alguns dos recursos comunicativos utilizados pelas mesmas, tanto na relação com crianças com a mesma síndrome, como crianças com desenvolvimento típico, em dois contextos diferentes (instituição especializada e escola comum), levando em consideração tanto aspectos biológicos como ambientais. Para isso, propõe-se conduzir estudo de caso, acompanhando duas crianças com Síndrome de Down, tanto frequentam a sala de aula da instituição especializada, e também a escola comum. Será utilizada enquanto perspectiva teórico-metodológica uma abordagem histórico-cultural, particularmente a Rede de Significações, que ampara o olhar para a complexidade e apreensão dos entrelaçados e múltiplos sentidos que se apresentam nas situações. Os dados serão coletados e registrados através de videogravações, realizadas ao longo de seis meses. Para a análise, será realizado num primeiro momento um mapeamento dos recursos comunicativos utilizados pelas crianças participantes, em interação com seus pares, por meio de categorias de observação. A partir do mapeamento dos recursos comunicativos, será feita a seleção de episódios, que serão discutidos, a fim de contextualizar os registros do mapeamento e gerar uma interpretação dos dados, que indique quais recursos comunicativos são utilizados, como o são e quais os parceiros de interação, considerando as especificidades dessas crianças. O projeto contribuirá lançando um novo olhar e nova perspectiva sobre a questão, além de trabalhar numa perspectiva desenvolvimental, podendo vir a contribuir com questões tanto teóricas, como da prática educativa de inclusão.

A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULO NA CRIANÇA AUTISTA, EM CONTEXTO ESCOLAR

Parreira, A. T.
Amorim, K. S.

Projeto em andamento- Doutorado

De acordo com a nova classificação do DSM 5, o autismo caracteriza-se por um transtorno de etiologia multifatorial que acarreta déficits significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais e no comportamento (padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades). Apesar dos prejuízos apresentados pelo transtorno, tem sido levantada a possibilidade de o autista estabelecer uma interação e construir vínculo afetivo. Porém, esse processo tem sido analisado particularmente com a mãe, em ambiente controlado de laboratório, havendo poucos estudos que investiguem tal processo em relação a outras pessoas e contextos naturalísticos, como o educacional. Dessa maneira, definiu-se pelo objetivo de investigar se a criança autista é capaz de vincular-se afetivamente a pessoas que não compõem o ambiente doméstico como no caso de espaços educacionais. Em caso afirmativo, a meta será identificar com quem ou com o quê a criança é capaz de construir vínculos; como ocorre esse processo de interações e construção de vínculos; e, ainda, quais recursos, ferramentas ou estratégias são utilizadas para se vincular às pessoas do ambiente. O processo será investigado sob a ótica da Rede de Significações (*RedSig*) compreendendo a criança autista para além do diagnóstico deficitário, analisando-a a partir de seus fluxos interacionais, pensando nas redes de relações e significações que permeiam o autismo, visto que a linguagem e a interação social são bases primordiais ao existir, levando a interrogar como ocorrem os processos destas pessoas com um transtorno em diferenciados aspectos de seu desenvolvimento. A fim de verificar se o indivíduo autista constrói vínculo, a estratégia utilizada será a de Estudo de Caso. Este será conduzido a partir de duas crianças pivôs, do sexo masculino, entre 3 e 6 anos de idade, regularmente matriculados na Educação infantil. Serão também participantes outros professores e alunos. Os processos interativos com professores e pares serão videogravados semanalmente, ao longo de seis meses, no contexto escolar. Além disso, serão feitas entrevistas com pais e professores. As cenas de vídeo serão transcritas e analisadas microgeneticamente, de modo a buscar apreender a ocorrência de construção de vínculo afetivo naquele ambiente. Este doutorado se mostra importante por compor um quadro de pesquisas que busca compreender os processos de construção de vínculo, lançando outros olhares (e metodologia de investigação) ao processo de relações em crianças autistas, sem um viés deficitário. Poderá vir a contribuir teoricamente com a apreensão de tais processos e ainda em trabalhos de intervenção, em momento em que a inclusão escolar de crianças autistas se mostra crescente em nossa sociedade.

RELAÇÕES, CONTEXTOS E SIGNIFICADOS: REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LOCOMOÇÃO A PARTIR DE UM MERGULHO NO CAMPO

Santos, N. M.
Amorim, K. S.

Pesquisa em andamento- Mestrado

A locomoção representa um marco motor, cognitivo e social no bebê, tendo sido amplamente investigada como importante parâmetro de avaliação do desenvolvimento do bebê. Frequentemente, a locomoção tem sido estudada de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades do bebê, como sua capacidade de explorar o ambiente e engajar-se mais ativamente em interações com o outro, fornecendo maiores indícios de sua intencionalidade e autonomia. No entanto, os trabalhos, com forte tradição experimental, apontam à necessidade de aprofundar a compreensão dos fatores sociais, culturais e contextuais envolvidos no desenvolvimento da locomoção. Além disso, na análise de processos relacionais, geralmente, os estudos consideram preferencialmente o adulto (mãe). Desse modo, o objetivo deste estudo consiste em investigar o desenvolvimento da locomoção no bebê e seu papel no engajamento interativo, especificamente na relação com outros bebês; ainda, a meta é verificar o quanto o engajamento com parceiros de idade contribui para o desenvolvimento da locomoção. Além disso, buscar-se-á entender com maior profundidade a associação entre a locomoção independente e a evidência de maior autonomia do bebê, com as mudanças na própria locomoção. Para tanto, serão conduzidos estudos de caso, através da análise de um banco de imagens do projeto “Significações em relações de bebês com seus pares de idade”. Este banco é constituído por videogravações realizadas ao longo de três meses, de bebês em uma creche do interior do estado de São Paulo. A coleta e a análise terão por base a perspectiva da Rede de Significações. Quatro bebês pivôs foram selecionados: Catarina (5 meses), Priscila (7 meses), Daiane (10 meses) e Marcos (11 meses). Cenas que contemplem os objetivos serão selecionadas e episódios serão delimitados. Esses episódios serão analisados microgenteticamente, buscando acompanhar as mudanças ao longo do tempo bem como o fluxo interacional e dinâmico entre os bebês. Além disso, aspectos contextuais-pessoais-culturais que permeiam o desenvolvimento da locomoção serão contemplados. O estudo encontra-se em fase de mergulho na situação e, em função disso (e pelo fato de se trabalhar com banco de imagens), decidiu-se por realizar uma vivência de bebês, no campo da creche. Tomou-se por base uma atividade exploratória de cunho etnográfico, oriundo de uma disciplina cursada. Através dela, foram feitas observações participantes, anotações em caderno de campo e conversas realizadas com pais, educadoras e funcionários durante o primeiro semestre do ano de 2014. As visitas foram diárias pelo período de dois meses. Em uma turma de bebês de 5 a 18 meses, o olhar foi direcionado ao contexto, aos outros que compunham sua esfera relacional naquele ambiente e o modo como os bebês passam a se apropriar deste espaço em função de seu desenvolvimento. Esta experiência permitiu vivenciar a dinamicidade e complexidade do campo e do processo desenvolvimental como um todo.

Verificou-se que a locomoção mobiliza uma dinâmica de ampliação/inibição dos modos do bebê apropriar-se e posicionar-se no ambiente e de também se relacionar com os outros bebês. Além disso, o andar, em especial, passa a ser um elemento diferenciador entre os bebês.

EXPRESSÕES EMOCIONAIS ENTRE BEBÊS PARES DE IDADE, NA CRECHE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

von Dentz, M.
Amorim, K. S.

Pesquisa em andamento- Mestrado

As condições sociais e o papel da mulher na sociedade vêm se modificando pela sua inserção no mercado de trabalho. Com isso, cresce a necessidade de compartilhamento do cuidado e da educação de bebês em instituições de educação coletiva, onde o parceiro de interação mais frequente é o coetâneo. Um dos aspectos importantes e pouco explorados na literatura é a expressividade emocional entre pares, na creche. Por isso, traçou-se o objetivo de conduzir uma revisão bibliográfica sistemática com a seguinte pergunta: o que a literatura tem dito sobre expressividade emocional entre pares de bebês, na creche? Através desta questão, buscaram-se explorar os modos de compreensão, a cronologia e outros aspectos que dão visibilidade às pesquisas desenvolvidas sobre expressividade emocional entre pares no primeiro ano de vida, em ambiente de creche. A revisão teve como fonte Latino Americana o Portal BVS-Psi, utilizando as Bases de Dados Scielo, PePSIC e LILACS; e, como fontes internacionais, as bases de dados ERIC e PsycInfo. As buscas foram realizadas, sem limite de data e através do cruzamento das seguintes palavras-chave e descritores: “bebê$ *AND* emoção”, “bebê$ *AND* interação”, “bebê$ *AND* creche$” (Scielo, PePSIC e LILACS), “(infant development *OR* baby) *AND* social interaction *AND* (day care OR nursery)” e “(infant development OR baby) AND (facial expressions OR emotion) AND (day care OR nursery)” (ERIC e PsycInfo). A pesquisa resultou na seleção de 31 artigos que tratavam sobre a emoção em bebês e/ou relacionados à interação de bebês em creche onde a criança se apresentava como agente da emoção. Encontraram-se publicações a partir da década de 70, mas foi a partir do ano 2000 que houve um crescimento significativo no número de trabalhos que apresentam o bebê como agente de emoções nas relações (74%), sendo que as expressões que apareceram com maior frequência foram as de riso/sorriso (43%) e choro (39%). A grande maioria dos estudos realizados são empíricos (74%) e apresentam o bebê que se relaciona com os pares, mas também com adultos, na creche. Apesar de esta revisão verificar o crescente interesse e, portanto, aumento de pesquisas nos últimos anos relacionadas ao primeiro ano de vida, os resultados apontam para a necessidade de ampliar as investigações sobre a expressividade emocional de bebês com seus coetâneos, em ambientes coletivos, visto que, apenas 4 dos 31 trabalhos encontrados discutiam exclusivamente as expressões emocionais ou alguma expressão emocional manifesta por bebês. Os demais artigos apresentavam as expressões emocionais dos bebês, mas, focando em outros aspectos, como sendo: as interações entre pares, o olhar do bebê, a relação mãe-bebê quando da entrada na creche, comportamento de bebês e adultos na creche, dentre outros. Desta forma, mostra-se relevante à condução de novas pesquisas sobre as formas como os bebês se expressam emocionalmente entre pares, no contexto de creche, dado o aumento de crianças sob cuidados nestas

instituições; e a urgência de maiores conhecimentos relativos as capacidade e habilidade de expressões nesta faixa etária o que pode vir a facilitar e nortear o trabalho de profissionais ligados à área.